



**O II CONCÍLIO VATICANO,
DOM DE DEUS À IGREJA E AO MUNDO
CONFERÊNCIA NO II FÓRUM DA UASP
13 Setembro 2014 – Auditório Vita – 18h**

A despretensiosa reflexão que desejo fazer convosco baseia-se na homilia de Paulo VI, na 9ª Sessão Solene, Sessão do Encerramento, a 7 de Dezembro de 1965. Quem melhor do que o Papa Paulo VI para nos fazer compreender o dom do Concílio que ecoou no coração da Igreja e mergulhou no íntimo do mundo?

1. SEMENTE

Importa, em primeiro lugar, reconhecer que a convicção do Papa e dos Bispos Conciliares era de que o Concílio não se encerrava, lançava uma semente a ir, oportunamente, produzindo os seus frutos. “O Concílio não conclui os seus trabalhos no meio do esgotamento de forças mas antes no meio do entusiasmo que despertou”. Se o entusiasmo era grande durante a realização, continuou no pós-concílio e hoje deve ser recuperado.

2. IMAGEM DA IGREJA - DOCTRINA

Duas ideias são sublinhadas desde o início. O Concílio “não deixa apenas à posteridade a imagem da Igreja, mas também o património da sua doutrina e dos seus mandamentos”. Todos tivemos o prazer de saborear uma Igreja unida e a professar a mesma fé. Esta imagem nunca poderá ser esquecida e deve, permanentemente, ser recordada. Mas, as imagens passam e pretendemos ver muito mais através dum tesouro do qual, permanentemente, extraímos coisas velhas, assimiladas e novas. É necessário aceitar que o Concílio ainda não produziu os frutos que devia.

3. SITUAR-SE NO TEMPO

Situar-se no meio da recordação da imagem da Igreja testemunhada e da doutrina transmitida coloca-nos numa categoria que nunca poderemos olvidar. Naquela data, o Papa e os Bispos souberam situar-se no tempo: hoje toca-nos o desafio de reaprender a gramática conciliar para a colocar no contexto duma modernidade que já passou por muitas alterações.



Interessantíssimo o modo como Paulo VI descreve o tempo daquela época. Hoje parece o mesmo mas as cores tornaram-se mais sombrias numa evolução ideológica a ter sempre em consideração.

Diz Paulo VI:

“Foi um tempo em que os homens estão mais voltados para a conquista da terra do que para o reino de Deus.” Não reconhecemos esta tendência no alheamento crescente perante o fenómeno religioso? **É o agnosticismo.**

“Foi um tempo em que o esquecimento de Deus se torna habitual, como se o progresso da ciência o aconselhasse”. Não será que hoje dum modo mais evidente Deus não só foi esquecido mas marginalizado e muitas vezes perseguido? **É o ateísmo.**

“Foi um tempo em que o acto fundamental da pessoa humana, mais consciente de si e da sua liberdade, tende a exigir uma liberdade total, livre de todas as leis que transcendem a ordem natural das coisas”. **É o relativismo e individualismo.**

“Foi um tempo em que os princípios do laicismo aparecem como a consequência legítima do pensamento moderno e são tidos quase como norma sapientíssima segundo a qual a sociedade humana deve ser ordenada”. **É o laicismo acutilante.**

“Foi um tempo em que as religiões étnicas estão sujeitas a perturbações e transformações jamais experimentadas”. **É o aventurismo individual camuflado pela importância do fenómeno religioso.**

4. DIMENSÃO TEOCÊNTRICA: DEUS

Consciente do tempo e das suas necessidades, o Concílio nunca esqueceu uma dimensão teocêntrica como aspiração fundamental do Homem e responsabilidade para a Igreja se centrar no essencial e não se perder em meros preâmbulos. A grande novidade do tempo de S. Paulo em falar do “Deus desconhecido” continua como projecto fundamental e permanente. “Deus existe. Sim, Deus existe; realmente existe, vive, é pessoal, é providente, dotado de infinita bondade, não só bom em si mesmo, mas imensamente bom para nós. É o nosso criador, a nossa verdade, a nossa felicidade”.

5. A PARTIR DE DEUS

5.1. A IGREJA

“Poderá alguém dizer que o Concílio mais do que das verdades divinas, se ocupou principalmente da Igreja, da sua natureza, da sua estrutura, da sua vocação



ecuménica, da sua actividade apostólica e missionária. Esta secular sociedade religiosa que é a Igreja, esforçou-se por se debruçar sobre si mesma para melhor se conhecer, melhor se definir e, conseqüentemente, melhor dispor os seus sentimentos e os seus preceitos. Isto é verdade. Mas esta introspecção não foi o único fim que teve em vista, não foi uma ostentação de pura cultura terrena. A Igreja, com efeito, entrando em si mesma, penetrou no íntimo da sua consciência, não para se comprazer em eruditas análises sobre a psicologia religiosa ou a história das suas coisas, ou para intencionalmente reafirmar os seus direitos ou formular as suas leis; fez isto para encontrar em si a palavra de Cristo, viva e operante no Espírito Santo, e para sondar mais profundamente o mistério, ou seja, o desígnio e a presença de Deus fora e dentro de si, e para reavivar em si o fogo da fé, que é o segredo da sua segurança e da sua sabedoria, a reavivar o fogo do amor, que a obriga a cantar incessantemente os louvores de Deus.” (pag. 658 a)

5.2. O MUNDO

Daí que a consequência mais natural seja reconhecer que o Concílio teve um cuidado particular “em perscrutar o mundo do nosso tempo”. “Nunca talvez como no tempo deste Concílio a Igreja se sentiu na necessidade de conhecer, aproximar, julgar rectamente, penetrar, servir e transmitir a mensagem evangélica, e, por assim dizer, atingir a sociedade humana que a rodeia, seguindo-a na sua rápida e contínua mudança.” Tudo isto depois de reconhecer com coragem que a Igreja “esteve ausente e afastada da civilização profana”. Isto exigia um comportamento novo. Só que Paulo VI vai ao essencial e afirma que no meio destas orientações gerais o importante era que “a religião do nosso Concílio foi, antes de mais, a caridade”. Esta caridade tem uma origem.

6. NO MUNDO. O HOMEM VISTO DA CARIDADE

A Igreja debruça-se sobre si mesma, sobre a relação que a une a Deus e também sobre o Homem “tal qual ele se mostra realmente no nosso tempo: o homem que vive; o homem que se esforça por cuidar só de si; o homem que não só se julga digno de ser como que o centro dos outros, mas também não se envergonha da afirmar que é o princípio e a razão de ser de tudo. Todo o homem como fenómeno – para usarmos o termo moderno – revestido dos seus inúmeros hábitos, com os quais se revelou e se



apresentou diante dos Padres conciliares, que são também homens, todos Pastores e irmãos, e por isso atentos e cheios de amor; o homem que lamenta corajosamente os seus próprios dramas; o homem que não só no passado mas também agora julga os outros inferiores, e, por isso, é frágil e falso, egoísta e feroz; o homem versátil, sempre pronto a representar; o homem inflexível, que cultiva apenas a realidade científica; o homem que como tal pensa, ama, trabalha e espera sempre alguma coisa; à semelhança do «filius accrescens»; o homem sagrado pela inocência da sua infância, pelo mistério da sua pobreza, pela piedade da sua dor; o homem individualista, dum lado e o homem social, do outro; o homem «laudator temporis acti», e o homem que sonha com o futuro; o homem por um lado sujeito a faltas, e por outro adornado de santos costumes; e assim por diante.” (pag. 660 c)

7. DIÁLOGO DE COMUNHÃO.

Este encontro com o Homem não era para o condenar mas para estabelecer um diálogo de comunhão, tornando a Igreja uma comunidade de homens que querem ser “cultores do homem”.

“O humanismo laico e profano apareceu, finalmente, em toda a sua terrível extensão, e desafiou por assim dizer o Concílio para a luta. A religião, que é o culto de Deus que quis ser homem, e a religião, porque o é, que é o culto do homem que quer ser Deus, encontraram-se. Que aconteceu? Combate, luta, anátema? Tudo isto poderia ter acontecido, mas de facto não aconteceu. Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio. Com efeito, um imenso amor para com os homens penetrou totalmente Concílio.” (pag 660d)

Sempre numa atitude de solicitude, o Concílio colocou a Igreja numa nova atitude perante o homem.

“Que viu na humanidade este augusto senado? Que se propôs ele estudar à luz da divindade? Quis considerar profundamente a sua dupla fisionomia: a miséria e a grandeza do homem, o seu mal profundo, mal sem dúvida incurável, e o seu bem, que permanece, sempre marcado de misteriosa beleza e singular poder.

8. ATITUDE OPTIMISTA

Temos de reconhecer que este nosso Concílio se deteve mais nos aspetos felizes do homem que nos desditosos. Nisto ele tomou uma atitude claramente optimista. Saiu



do Concílio uma corrente de interesse e de admiração sobre o mundo atual. Rejeitaram-se os erros, como a própria caridade e verdade exigiam, mas os homens, salvaguardado sempre o preceito do amor e do respeito, foram apenas advertidos do erro, procedeu-se assim, para que em vez de diagnósticos desalentadores, se dessem remédios cheios de esperança; para que o Concílio falasse ao mundo actual não com presságios funestos mas com mensagens de esperança e palavras de confiança. Não só respeitou mas também honrou os valores humanos, apoiou todas as suas iniciativas, e depois de os purificar, aprovou todos os seus esforços.” (pag. 661e)

9. SERVIR

Este novo comportamento teve um nome muito desafiante: Servir.

“Julgamos ainda digna de consideração uma outra coisa: toda a riqueza doutrinal orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades. A Igreja declarou-se quase a escrava da humanidade, precisamente no momento em que tanto o seu magistério eclesial como o seu governo pastoral adquiriram mais esplendor e vigor devido à solenidade conciliar. O lugar central foi ocupado pela ideia de serviço.” (pag. 662)

Esta viragem incutiu uma ideia ainda não suficientemente assimilada. Atender ao homem é servir a Deus. “O nosso humanismo transforma-se em cristianismo e o nosso cristianismo é teocêntrico, de tal modo que podemos afirmar: para conhecer a Deus, é necessário conhecer o homem”. “Não será um modo simples, novo e solene de ensinar a amar o homem para amar a Deus?

Amar o Homem, não como instrumento, mas como primeiro fim que nos leva ao supremo fim transcendente.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*